



ÍNDIOS NA VISÃO
DOS ÍNDIOS

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



Editor: Sebastián Gerlic

Patrocínio



Apoio



Projeto: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Idéia e Direção: Sebastián Gerlic

Coordenação Geral: Águia Dourada - Organização Multicultural Indígena do Nordeste

Colaboração: Sheilla Dias de Souza

Projeto Gráfico: Lufs Henrique

Revisão de Texto e Consultoria: Derval Gramacho

Produção: Marcia Cardim / Eneida Rebouças

Administração Financeira: Prol Projetos

Informações sobre os livros e a ONG Águia Dourada

(71) 378 0412 / 288 0057

www.visaodosindios.hpg.com.br

visaodosindios@ieg.com.br



Trechos desta obra poderão ser citados, desde que me mencionada a fonte.

166 ..
Ibozinho ..
Lagoa Vermelha ..
Fortuna ..
Jatobá ..
Cabrobó ..
Pambú ..
Agro Vilas ..
São Miguel ..
Porto da Vila ..

Campos Novos ..
Unha de Gato ..
Salto da Pedra ..
Matinha ..
Luká ..
Curaçá ..
Juazeiro ..
Petrolina ..



Antes dos portugueses chegarem aqui em nossas terras, o nosso povo vivia melhor, tinham de onde tirar o sustento sem precisar agredir a natureza que é, o que temos de melhor em nossas vidas. Os nossos parentes sofreram muito, foram ameaçados, comprados pela sua inocência e escravizados, com isso veio acontecer a morte de muitos do nosso povo. Hoje estamos aqui para lembrar tudo que se passou e estamos preparados para resgatar o que perdemos, construindo uma nova história, apesar de muitos ainda quere-rem tirar o que nos pertence e tirar da natureza o que sobrou, mas todos nós juntos lutaremos para preservar o que temos de melhor. Leidiane



*Aqui está um pouco da nossa história,
realidade e sentimento.
Espero que este livro seja um
instrumento de apoio para nossas vidas.*



Durante cinco dias os índios Tumbalalá
armados de papel, canetas, câmaras fotográficas e um gravador
decidiram contar sua história, ser antropólogos de suas vidas,
jornalistas da sua realidade e continuar
a luta pelos seus direitos.

Um povo que canta com a natureza clamando por respeito.

Eu sou das matas

Todo caboclo é Índio

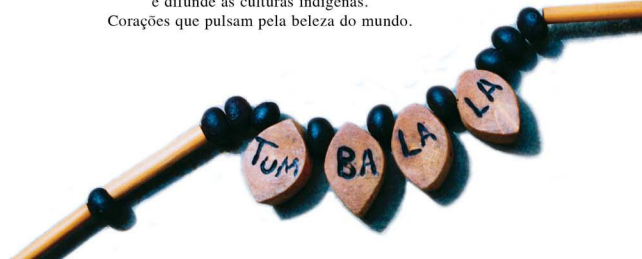
Eu sou das matas

Eu tenho o arco e tenho a flecha

Eu tenho o pujá

Eu sou do brabio

Este é o quarto volume da coleção
“ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS”,
um projeto que resgata, preserva, defende
e difunde as culturas indígenas.
Corações que pulsam pela beleza do mundo.



Eu gosto de história porque a gente pode aprender muito, entender, crescer.

Aqui, antigamente o índio atravessava o rio por cima das pedras, a nado, ou amarrava uns paus fazendo uma balsa, até que em 1671 começou a chegar o pessoal de fora atrás do ouro. Aqueles exploradores não vinham fazer o bem. Vieram buscar o que não era deles. Eles começaram a se apossar das terras indígenas, que não compraram de ninguém. Os índios viviam principalmente da pesca, caça e mel de abelha. Suas armas eram o takapi (lança de pau), arco e flecha e com elas dava para sobreviver muito bem, mas não dava para se defender dos europeus. Os índios pegavam um animal, iniciavam o fogo com pedras ou com paus e sem sal, sem tempero, eles comiam.

Faziam seus cachimbos de barro queimado. Quando um índio estava com sede, ele descobria onde cavar e achar água. Os índios sabiam tudo, descobriam tudo com facilidade, sabiam onde tinha ouro e prata. Os portugueses queriam levar tudo de graça e para isso matavam. Subiu um frei Bernardo, que vinha da aldeia de Rodelas (Tuxá, Bahia), mas o primeiro padre a instalar-se por aqui foi Martinho de Nantes, em 1671. Fizeram uma igreja de taipa. Parece que a data em que os jesuítas chegaram aqui oficialmente foi 14 de junho, em Portugal, esse é o dia de Santo Antônio, por isso eles batizaram aqui de Santo Antônio, depois passaram a data para 6 de janeiro, para fazer uma comemoração só, junto com a festa dos Reis Magos.

Trouxeram os negros da África amarrados pelo pescoço, como se fossem animais. Aqui eram vendidos para os fazendeiros. Escravizados comiam as migalhas que o patrão deixava. Se um negro fugia era perseguido, recapturado e castigado com chicotadas. Já o índio ou fugia ou morria. Aqui, antigamente era só um povo, mas, em 1785, eles dividiram a região que era chamada de Pambu. Lá passou a chamar-se Ilha de Assunção (Pernambuco, aldeia Truká), mais por aí Ilha da Vila, São Félix, Santa Maria... eles procuravam as ilhas porque eram boas para pescar e porque tinham água para beber. Depois vieram derrubar as árvores para dar de comer ao gado que traziam. A família D'Ávila foi dos fazendeiros mais poderosos que já teve por aqui. Pambu já foi comarca, foi a sede do município, tinha câmara de vereadores, tinha juiz. De 1834 a 1854 teve todo o poder jurídico e municipal.

Hoje nós somos escravizados pelos políticos.

Hoje o Governo diz assim: quem não sabe ler não se emprega.

Mas os que têm instrução, os que estudam, estão escravizando o Brasil. Eles sabem três ou quatro idiomas, mas é só para negociar com outros países, para vender o Brasil. Eles vendem a nós, brasileiros, e vão engordando.

Antigamente os índios viviam como no Paraíso: nus. Mas hoje, por causa da civilidade, quem estiver mal vestido todo mundo está vendo. Antes viviam livres e à vontade, hoje, para qualquer coisa que a pessoa faz tem outro dando opinião, discriminando. O pessoal fica olhando o defeito do outro.

José Plínio de Santana





O ÍNDIO SERÁ COMBATIDO, MAS NÃO SERÁ VENCIDO

Contam os mais velhos que um homem achou um santo em cima de uma pedra e dizem que estava escrito: SANTO ANTÔNIO DE PAMBÚ SERÁ COMBATIDO, MAS NÃO SERÁ VENCIDO. Como aqui era só mata levaram a imagem para Curaçá, mas ela voltou. Tornaram a levar, tornou a voltar, aí um homem foi levar de cavalo, bem amarrado, e dizem que o homem caiu e morreu. Então, construíram uma capelinha, que depois virou igreja de barro, que depois foi reformada com tijolos. O causo é que carregaram ele para muitos lugares, Curaçá, Belém e parece que trocaram ele, parece que o outro era bem amarelinho (ouro). Agora até aquela pedra foi colocada embaixo do altar.

Dona Glória
(Só de eu mentir prefiro a morte!!!)

O pessoal mais
velho conta que...



Eu penso que essa imagem foi colocada por um padre, um português, para tentar nos enganar, para mudar nossa religião. A gente sem ler a bíblia acredita em Deus. Nós, toda vida, desde sempre, acreditamos em Deus através da mãe Natureza.

Cícero Marinheiro



Conversando com Dona Glória, Pedro Gonzaga e família

Dizem que descobriram o Brasil, mas o que fizeram foi matar.
Ainda hoje a gente continua achando ossos de nossos antepassados.
Achamos alguidares (potes) com ossos, cachimbos e muita louça.
Uma vez achei um alguidar que tinha ossos de duas pessoas e duas balas.
Nossa bisavó foi apanhada no mato, era chamada de Valentina,
porque era valente.

Quando eu era criança comia peixe, peba, tatu, seriema, tartaruga,
mandioca, batata, feijão, milho, melancia, cana.
Com algodão se fazia a coberta, a toalha de banho.
Arrancava croá para fazer muita coisa, até linha de pescaria.
Ainda hoje se tece o croá para trabalhar na casa de farinha, só que antes
para fazer farinha a roda era na mão e hoje é a motor.
Antes as pessoas só pensavam em comer, chovia e o rio enchia,
então não faltava comida.
Agora com as barragens que os homens fizeram secou tudo e não tem mais nada.
Tudo ficou mais difícil.

Antes nossa saúde era melhor. Não existia pneumonia.
Do pau do campo tudo se usa para remédio: Malva-rosa é boa para febre.
A catingueira é boa para dor nas tripas, obração, para quando alguém está
empanturrado, o jatobá é um grande fortificante, a quixabeira para infecção,
o angico arranca qualquer gripe, a favela cura dor de estômago, aroeira,
imbaúba, imburana, batata de pulga, peão e pau ferro
são muito bons também.
Todo pau do campo é bom.

Quando vejo alguém passando mal eu penso no que posso fazer e a resposta vem.
Toré a gente sempre ouviu que existia, só que o povo aqui tinha receio de dançar.
Tinha pessoas que eram contra, pessoas ignorantes que achavam que
era uma coisa errada, então o povo começou a dançar escondido.
Lembro que com sete anos eu fui dançar Toré pela primeira vez.
Foi na casa de Antônio Luís, perto da casa de farinha. Achei muito bonito.
Hoje, às vezes eu vou para o Toré, vou para a reunião, só que até agora
não levei meus filhos porque é de noite e é longe,
tem que fazer um terreiro mais perto.



Antigamente tudo se resolvia através da Natureza!

Em São Miguel tem só algumas casas, umas de taipa outras já com reboco. Lá tem um Terreiro dos antigos. Antes o Pajé era João Silvinha Fatum, depois dele morrer dois de seus filhos ficaram sustentando o trabalho.

Esta conversa é fruto de nosso encontro com os irmãos Luis e Apricho Vieira Fatum, com Luis Rosa e seu filho Manoel, com Cícero Marinheiro e sua filha Leidinha e com mais alguns índios que foram chegando.



Para nós é tudo fácil, estando tudo de acordo com Deus a gente trabalha nos nossos costumes e resolve de acordo com Deus.

Ser índio é seguir os velhos costumes, continuar trabalhando como há muito tempo. Trabalhar é o tropel (cantar Toré), é a jurema, da qual é feita a bebida ajuka, usada para curar.

Trabalhar é seguir a tradição. No fim, com fé em Deus, vamos agindo como pode ser. Todos juntos com amor e união.

Quando alguém precisa de nós índios, nós tentamos ajudar.

Sempre tem que procurar estar todos em acordo. Em algumas tribos dizem que o Cacique tem que saber ler, mas importante é saber que o conhecimento não está nos livros, está na Natureza. O importante é que o Cacique seja apoiado pelo povo.

Se os políticos pudessem o índio não tinha contato com as leis, para não irem atrás de seus direitos.

Nós temos que nos preparar aqui no nosso ritual e também aprender lá fora para poder trazer os nossos direitos. Temos que resgatar nossos costumes para o governo não extinguir o índio. Eu trabalhei muito, quando jovem, pensando em fazer uma casa boa, mas isso até agora não aconteceu, mas eu sou muito feliz e agradeço muito a Deus pelo o que Ele tem me dado. Antigamente as pessoas não sofriam para trabalhar, hoje, com a modernidade, sofrem para ter o sofá, a televisão e aquilo outro. Antes não tinha tanta preocupação e tanta maldade, as pessoas não se preocupavam por ter geladeira, só iam atrás de sua alimentação.

Uma pessoa pode passar alguma coisa para outra, mas aprender mesmo só na experiência direta com a Natureza. Antes tinha de tudo, a gente não tinha nada industrial, tudo era feito da obra da Natureza. Era uma rede de pesca de croá, arco e flecha para pegar um peixe, era tudo tirado da mata.



Hoje é tudo industrial e nada de futuro bom. Quanto mais moderno mais perigoso. Antes as armas não matavam como acontece hoje. Hoje tem energia elétrica, mas a mandioca e a batata são difíceis. Hoje estamos procurando o reconhecimento para poder nos defender melhor. Nossos antepassados foram massacrados, restaram muito poucos e os que restaram estão resgatando o que foi perdido da cultura. Hoje estamos tendo mais força para fazer este resgate e também para passar nossa história para as gerações futuras. O índio não pode confiar no branco porque o branco sempre bota ele para trás.

Aqui, como em muitas aldeias do Nordeste, perdemos um pouco do nosso ritual, porque aqui fomos muito perseguidos, todos sabem que por aqui começou a invasão. Algumas aldeias passaram um tempo jogadas de lado. São muitas aldeias que estão resgatando sua cultura, umas dando força a outras. Por exemplo, os Tuxá, de Rodelas, nos ajudaram muito a fazer nosso resgate.

Nós já fomos forçados a usar roupas pelos invasores, perdendo muito de nossos costumes. A modernidade foi evoluindo e ficamos com um costume que não era nosso. Hoje a gente usa estas roupas, mas não podemos esquecer das nossas tradições, como: saber fazer um pujá (tipo de cocar Tumbalalá), uma cataió (saia de croá), o maracá e outros artesanatos da tribo. Quando os jesuítas vieram impor sua religião, tentaram mudar o nosso Deus e os nossos costumes dizendo que nós não estávamos certos. Deus para a gente é a Natureza.

Os padres iludiram tanto o índio que estes chegaram a juntar suas coisas e queimar na fogueira. Então, o índio tinha que dizer que ia caçar no mato, tirar mel e naquela saída se escondia e ia fazer seus rituais.



O catolicismo convenceu muitos índios. Ainda hoje tem religiões chegando querendo mudar o índio, falando que nossa religião é do demônio, do satanás. Hoje o governo é o principal responsável da maldade que está existindo contra o índio. Criaram um órgão, a FUNAI, para cuidar do índio, mas ele está a serviço do governo. Os advogados da FUNAI, como já vi em Brasília, não defendem o índio, defendem mesmo a FUNAI. Não é o governo que nos está dando alguma coisa, é o próprio índio que estar abrindo os olhos, enxergando o direito que ele tem e exigindo. Não existe justiça no Brasil, a realidade do índio é prova disso. A Polícia Federal chega aqui por interesses do próprio bolso dela, porque recebe uma diária especial, além do salário, às vezes vem, mas sem interesse de resolver nossos problemas. Falta que o governo faça o nosso reconhecimento legal e demarque nossas Terras, mas “eu sou índio independentemente do reconhecimento da FUNAI”. Ser índio aqui na aldeia é fácil, no ritual é fácil, agora no mundo lá fora é difícil, somos discriminados. Fomos invadidos, fomos misturados e hoje dizem que não tem índios no Nordeste.



Nós estamos lutando contra os preconceitos. Divulgando nossa cultura, o branco vai ter a consciência de como é o índio de hoje e porque ele é índio, eles vão passar a entender que a gente tem uma cultura diferente, pela qual temos muito amor e respeito. Hoje em dia, nesta “modernidade” onde o governo, os políticos tentam exterminar o que temos de nossa cultura indígena, temos que aprender coisas do branco, seus aparelhos, sua ciência, para poder prever o próximo golpe. Hoje é útil ter a leitura e também saber conversar sua língua, se não como podemos calá-los. Tem que ter a experiência deles para usar contra eles mesmos. “Espero que o que a gente aprenda sirva melhor para a gente”. Eu, índio não preciso ler uma bíblia para acreditar em Deus, porque através da Natureza a gente vê Deus e sabe quem ele é, nós sabemos ver a beleza, sabemos que existe só um Superior, é aquele que foi capaz de fazer tudo o que existe, é o dono de tudo, então eu acredito em Deus e o vejo através da Natureza.

Deus quando criou a Terra fez o índio. O segredo de Deus homem nenhum aqui na Terra sabe. A vontade de Deus é que todos nós sejamos unidos. O rio está morrendo por causa do desmatamento, poluição, uso do agrotóxico, adubos químicos e esgotos. Água é vida, tem que ser cuidada, tudo que existe na Terra é da Natureza e o homem não faz nada fora da Natureza. Hoje o homem branco faz muita coisa para destruir a si mesmo e a Natureza. Todo estudo do homem branco é só para destruir, já o índio faz as coisas dentro do equilíbrio da Natureza. Ah! Se o Brasil fosse hoje como na época dos antepassados. Nós estávamos na glória! A Natureza não teria sido destruída e a gente teria tudo. O índio tirava o croá e fazia tarrafa, rede de pescar, ou tirava um pau da mata para fazer arco e flecha para pescar ou caçar... capivara, jacaré, peixe. Antes a saúde era outra, hoje as pessoas destroem tanto e poluem tanto que convivem com essas doenças. As obras que fazem e as que querem fazer só nos prejudicam. O rio hoje não tem mais peixe.



Nós andávamos tranquilos pelas estradas. O perigo era só uma raposa, uma cobra, um boi que remete (ataca), mas hoje temos medo do bandido ou de ser atropelados. Hoje parece que a gente vota para nos destruir. Temos que acreditar mais em nós e não tanto nos políticos, porque eles têm mais de uma cara. Índio é eternamente Índio!

Quaqui (Cachimbo)



O Carir

É um peixe, morar em lo-
car, ele tem um casco preto cu-
brindo a sua pele, tem espinaço
para apoiar-se nas pedras.



posso até afirmar que isso
é uma tradição, porque os nossos
antepassados gostavam de prepara-
lo em um grande eguidar, daí
reunimos todos, como fosse uma
festa, eles comiam o Carir com
a batata cozinhada no lugar
da farofinha feita da mandiô-
ca.



Nós gostamos de pescar o
Carir com as mãos, mergulhando
quando pegamos gritamos, por
outros ouvirem, isso para a
gente é uma grande alegria.

O rio São Francisco para nós povo Tumbalalá, antes nós sobrevivíamos da molhação de vazante nós tirávamos 'alimentos' como: a mandioca, o feijão, a cana, o milho, a batata e o peixe, como também: plantas medicinais que serviam para os nossos rituais, com o passar do tempo os homens brancos construíram barragens que veio destruir grande parte da natureza, hoje vivemos em falta desses alimentos e plantas medicinais e hoje com o projeto de transposição que o governo pretende realizar, só vem a destruir a natureza e nossas vidas, mas estamos lutando para que isso não aconteça, caso venha a acontecer o rio 'morrerá'.





O óleo de manona é a fonte de renda de Dona Joana, que leva o óleo em garrafas para a Feira de Cabrobó, onde algumas pessoas compram para usar no cabelo.



Atualmente nosso alimento ainda é preparado de forma natural, mas já compramos muitos produtos industrializados.





Eu sou índio porque nasci índio e não porque existe Funai

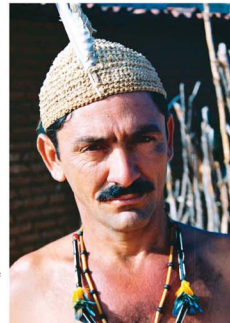
O índio nasceu da Natureza, faz parte da Natureza, ele sabe como conviver com a Natureza. Quando morre um pouco dela morre um pouco do índio também. Antes nós tínhamos tudo, éramos fortes, mas hoje com a devastação e com a discriminação estamos morrendo. Eu vejo a Natureza como algo superior. A gente acredita em Deus através da Natureza e nós temos que cuidar bem dessa obra divina, bonita. Eu faço tudo para que a Natureza possa recuperar coisas que perdeu. Eu me sinto humilhado porque ainda hoje, 500 anos depois de roubarem nossas terras, temos que lutar por elas. Nós não escondemos nossa identidade, somos índios. Ainda resta nossa religião, não tudo, porque os brancos fizeram um massacre grande, matando, perseguindo, estuprando...

O retrato da violência esta no rosto de cada um, aqui no Nordeste; está no Cruzeiro, ele é o símbolo da perseguição portuguesa, do massacre. Sem esquecer o que aconteceu, espero mudar nossa realidade. É difícil porque moramos num país onde quem fala mais alto é o dinheiro, mas a gente não vai desistir. Há quatro anos que estamos lutando pelo reconhecimento de nossa aldeia. Eu tenho sempre viajado a reuniões, enviando documentos, conseguimos que a FUNAI mandasse um antropólogo para fazer um estudo, estamos esperando o reconhecimento. É uma humilhação ter que vir um branco de fora para dizer se a gente é índio, porque nossa identificação esta na nossa cultura, nós que temos que dizer que somos índios e não eles. Hoje a lei manda um antropólogo para levar uma prova se tem ou não índios, até mesmo os antropólogos que vieram por aqui não concordavam com isso. Esperamos que depois do reconhecimento, demarquem a terra para trabalharmos tranquilos, para poder preservar mais nossas matas e o rio também.

Índio é aquele filho de índio que preserva sua cultura, sua religião, que aprende com seus antepassados e continua a ensinar para as futuras gerações. Eu sou índio porque nasci índio, e não porque existe FUNAI. Há 100 anos atrás não existia FUNAI e meu tataravô existia.

Temos muitas coisas para ensinar ao mundo lá fora.... respeitar e conviver com a Natureza. Tem coisas da Natureza que a gente não pode falar para o branco, mas tem coisas que estamos passando porque é muito importante sua preservação, porque todos dependemos dela, porque a Natureza morrendo nós morremos também. Queremos preservar as matas, resgatar os remédios nativos, naturais. É necessário ensinar isso dentro da escola. A gente não espera pelo governo, queremos fazer mutirões para replantar a mata... queremos cuidar desse rio. Muitos índios querem colaborar e colaboram, quem nega alguma coisa à Natureza está negando a si próprio.

O mundo precisa de muita humanidade. Contribuir uns com os outros pela vida, olhar mais para quem está precisando, parar com a violência. Eu quero um mundo melhor, sem preconceitos, onde seja respeitado o direito de cada um. Quero que o governo respeite os índios, e que na suas terras sejam os mesmos índios quem decide o que se faz. Espero que termine essa política de exploração e perseguição dentro das terras indígenas.



Cícero Marinheiro - Cacique



Não há diferenças entre índios e brancos, mais sim existe o preconceito e a discriminação a falta de respeito ao povo indígena, muitas pessoas acham que nós índios não somos iguais a eles sim somos, nós também somos brasileiros esta terra também nós pertencemos, pois nós ^{índios} fomos os primeiros habitantes desta terra, temos direito de viver nela fazendo e respeitando nossas tradições. Neste país que vivemos é difícil ser índio mais ao mesmo tempo é um orgulho, pois lutamos contra muitos poderosos deste país, entidades governamentais etc, que não apoia e nem respeita o nosso povo, levamos nossas vidas sendo criticados, não bem aceito na sociedade, mais um dia iremos vencer essa batalha e conquistamos o respeito e a confiança de todos.

Paulo Lopes Alécia Tumbalala
19 (Anos)

Essa é a mão forte de um índio guerreiro, com
nossas mãos podemos lutar pelas nossas
direitos, e conquistar nossas liberdades.

O Velho Chico é o nosso espírito, com ele
podemos viver uma agitação em nossas lutas.
O Velho Chico é a união das nossas irmãos
índios.

Nós somos guerreiros por que nascemos com
força de vontade, de enfrentar qualquer ob-
stáculo, e nós não vamos desistir até conseguirmos
nossos direitos.

Como a união vamos vencer a discriminação

Viver é confiar em sua consciência e não
ser dividido de que lado é, eu sou índio
tumbalala e não tenho medo de falar o
que sou.

ETIMAR KUMBALALA



Vivemos em um mundo
muito difícil, onde a mai-
oria se acomoda com os
erros cometido pelos inus-
tos. Se cada um de nós
acreditarmos no nosso de-
sempenho para uma so-
ciedade onde todos saibam
compreender e valorizar o
outro com respeito e digni-
dade, só assim chegaremos
a vivermos em um mundo
de objetivos e direitos iguais
e não em um mundo quem
fala mais alto é a violên-
cia, a fome, o medo, os drogas,
a miséria e os corruptos que
contribui para uma sociedade de
desigualdade. É você o que vai
fazer para melhorar essa si-
tuação?

Leidiane



A atual realidade resume-se apenas em preconceito, discriminações, desprezo e desamor ao seu próprio. É uma realidade de que não tolera nem aceita a condição humana do outro. É acima de tudo individualista, que pensa apenas no que pode ser útil para ele.

É tipo uma organização que seus interesses são tratados primeiro, onde o que vai ou não valer para eles vai prevalecer, mesmo que isso tenha prejudicar aos outros.

A realidade que na cidade, é manipular os humildes, quem mostram que eles não sa grande maioria, e que tem o direito de mandar. Sôco, achis que se pode fazer muita coisa para que eles dominem isto pensam. Sabe como? Fazendo juntos pela igualdade, lutando sempre para serem todos iguais, onde conscientemente de condições de vida ou do que seja.

Todos temos o direito de opinar, de nos fazer, de falar em qualquer situação que nos encontramos. Mas se que esquecer que todos nós precisamos uns dos outros para juntos encontrarmos soluções para determinados problemas.

A Roca Indígena enfrenta esse tipo de desigualdade, mas é uma família forte, e mostra que é capaz de superar qualquer obstáculo para alcançar os seus objetivos. Mas, da comunidade indígena

Tumbelala também lutamos por uma igualdade. Lutamos pelo nosso reconhecimento como indígenas, como povo capaz de mostrar nossos laços, crenças e valores.

Somos índios, e temos o direito de lutar por nossos interesses. Somos povo que defende a igualdade humana, com respeito e dignidade.

mpelde



Eu vou falar da minha aldeia
da minha aldeia e vou falar
da aldeia dos Pankararú e aldeia dos Lugares
Todos índios acudita
que ele vai se registar
é a aldeia dos Pankararú
Por o índio Pankararú trabalhar
na aldeia Timbalala
e a todos os índios
desse muita felicidade
e Por nós a luta vai continuar
a andando a natureza
e todas as coisas do lugar.
Zanellten

Sei indio para mim
É sei Feliz da aldeia Timbalala
e que ro que ela seja reconhecida
no assimtico mais feliz.



Sei indio e ser vida
mesmo engritando os
pauconceitos dos brancos.

Mais nós povos indí-
ginas, não se im legi-
thames de ser o que sa-
mos. Por isso nós todos
lutamos pelos nossos
direitos com força uera-
gem.

Nós a 500 anos atrás
após a invasão do nosso
território não deixamos
nossa cultura não e a
gora que nós povos in-
dígenas vamos deixar de
praticar nossos costumes
e lutar pelos nossos direitos,
porque as injustiças
criticam nossa cultura.

Assi: Joaquim Antonio Mari-
nhão Neto. - Povo Tumbakãlá



variação do Brasil, nome dado
pelos Portugueses em 1500.

Estamos lutando pelo reconhe-
cimento da nossa Terra, com o
direito de viver sem nênhu-
ma discriminação dos brancos,
e de todos aqueles que são
contra a nossa cultura, a
nossa religião indígena,
o Toré, onde todos nós reu-
nimos para uma celebração,
de aliviarmos o nosso espírito,
a nossa alma.

Esperamos no futuro termos
reconhecido, assim realizare-
mos a nossa luta indígena
com força e coragem, e olhar
aos nossos irmãos e dizer
vencemos.

Arqs: Robson Gomes dos Santos 20.01.2013
Aldeia Tumbalala

Data 12/06/01





Os Guardiões do *Bem*

No transcorrer de muitas décadas, avós, pais, filhos, netos e bisnetos foram perdendo suas origens. Forçados a seguir costumes impostos pelos invasores e pelo sistema capitalista esquecemos parte de nossos valores e tradições. O *bem* foi trocado por coisas insignificantes,

O tempo passou. Tentaram nos tirar a memória, a nossa raça, mas a nossa coragem, fé e a garra de

manter o que é nosso vive nas almas, na serenidade e convicção de saber que somos um povo forte.

O aldeamento de Pambu talvez não seja diferente de muitos outros, passou por várias transformações. No final da década de 60,

o nosso povo já trabalhava com a irrigação na plantação da cebola, conseguindo mudar algumas das suas casas de barro por alvenaria. Com a diminuição do analfabetismo os índios se aprofundam na luta pelos seus direitos.

Também na busca da melhoria de qualidade de vida muitos

jovens e adolescentes saíram da aldeia e foram morar em outras cidades e estados. Hoje nós, povo Tumbalalá, já somos

em grande número diplomados nos cursos de magistério, pedagogia, licenciatura em letras, contabilidade e outros. Estamos na luta

pelo resgate das tradições e da convivência harmônica com a Natureza, mas acompanhando a evolução dos tempos.

Atualmente nós Tumbalalá estamos na luta pelo reconhecimento da tribo, pois não podemos deixar acabar o que nos resta de mais precioso.

Queremos ser respeitados da mesma forma que respeitamos.

Lembremos que o *bem* permaneceu sempre na nossa Terra.

Maria José Marinheiro, professora



leia, Copie e cole
palavras destas palavras

limão
abacaxi

banana

silva
palavras. 5

meu
no
aneal
aneal

na 5 no 6
si 12 li



A gente vai arrancar o barro, passa umas duas horas para tirar três sacos de barro, traz no jegue. O local do barro é muito longe e quem vai pegar é minha filha mais nova porque o morro é muito alto e eu não posso, é a duas, três horas de pé.

Coloca o barro em um buraco para molhar, depois tira e traz para dentro de casa e machuca ele na mão, depois rola em uma tábua e faz uns bolos, fura e vai *ribando* (levantando) depois coloca no chão nos assentos e bota do tamanho que a gente quer, depois vai cortar, faz na segunda-feira e encosta terça, depois passa o *papur* (tinta). Usa o toá (pedra para fazer a tinta) antes de queimar, mas tem que estar já quente. Para pintar a gente pega um *capucho* de algodão tira o caroço, pega um pau de vassoura, enrola o algodão e molha no roá pisado com água e pinta. Na sexta-feira vai queimar, faz uma cama de lenha no chão, coloca todos os potes por cima, depois da louça (cerâmica) toda encarreirada (em ordem) coloca lenha por cima, depois vai tirando o fogo com a vara; isso é duas horas da tarde, cinco horas é que vai descarregar do fogo.

O pior sacrifício é a lenha, trazer do mato em cima do jegue. Para fazer 20 potes são 7 cargas de lenha, meu marido demora dois dias para tirar a lenha.

As vezes tiro todas as louças sem quebrar, mas tem vezes que quebra quase todas, depende do barro. Esse saber vem do berço, de mãe para filha.

Domingas Maria da Anunciação

Panela Grande R\$ 1,00

Aribé R\$ 1,00

Pedra da Letra

Os símbolos gravados na Pedra da Letra provam a existência de um grupo humano possivelmente ancestral dos índios Tumbalalá que habitam a região onde ela está localizada. Isto comprova que os índios têm escrita.

A Espiral presente repetidas vezes na pedra é o movimento da vida, a semente que vai do centro em direção à luz e vice-versa. O símbolo, presente em diferentes culturas pode ser atribuído a formas semelhantes frequentes em imagens da idade do bronze, quando se iniciou a fusão dos metais. O próprio ato de cozinhar consiste na repetição do gesto em forma de espiral e no nosso caso traduz a metáfora da “mistura” que somos, o fogo e a terra permanentemente ligando panela de barro, pote, corpo, vaso sagrado. Nós somos o resultado e parte do processo dessa fusão.

O reconhecimento dos índios Tumbalalá e de muitos outros grupos indígenas significa reconhecer a violência exercida constantemente sobre eles e sobre a terra. Precisamos assumir o compromisso de respeito mútuo, garantir um diálogo sincero e sem preconceitos, valorizar conhecimentos em lugar de ridicularizá-los, enfim aceitar nossa identidade indígena. Somos índios e não queremos estar presos sem condições de viver. Não podemos mais continuar nos enclausurando, matando e destruindo nossa cultura.

A terra precisa ser ouvida, até as pedras gritam.

Sheilla Dias de Souza





As vezes me pego pensando sobre quanta diversidade de povos existe no mundo, principalmente nos povos indígenas que resistem, que lutam, buscando agir junto com o Grande Espírito que nos orienta nessa longa caminhada. Ser índio é tudo isso e muito mais, é conseguir relacionar-se com a diversidade sem perder a essência, os costumes, a crença. Nossos espíritos vivem cheios de amor e esperança. Somos frutos da Natureza e nela vivemos buscando aprender a amar e respeitar. As diferenças de costumes não são defeitos. Esta compreensão e integração é importante para o mundo. Gostei muito de conhecer os índios Tumbalalá. Vejo neles a força e a resistência para continuar a cantar, passando a cultura de pai para filho.

Quem é filho da terra com a terra viverá.

Lymbo Peregibe

Em abril de 2000, durante a Conferência Indígena em Coroa Vermelha, Porto Seguro (BA), tive o prazer de conhecer os Tumbalalá.

Contei para muitas pessoas a minha vontade de conhecer a aldeia Tumbalalá e algumas disseram: “Essa aldeia não existe”. De fato, para o governo ela ainda não existe, para os Tumbalalá sempre existiu. Para mim, sempre existirá, não só porque estive nela, mas também porque ela existe no meu coração.

Desta vez quando me reencontrei com os Tumbalalá foi na própria casa deles, onde se fez mais forte o amor que tenho por eles. Convivi cinco dias com uma família, com os vizinhos dela, com seus familiares, com os vizinhos dos familiares e fica agora mais claro ver como uma tribo é uma grande família.

Espero que estes laços de respeito que desenham as famílias indígenas sejam um dia os mesmos que nos unam a todos nós humanos, reconhecendo-nos todos como uma família só.

Sebastián Gerlic





Liceu de Artes e Ofícios

nas cidades.

É com muito orgulho que o projeto ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS está completando sua primeira meta, lançando 4 livros, visitando escolas, universidades e permitindo à população ter contato com uma cultura que tem sido esmagada durante os últimos 500 anos. Temos auxiliado a lavar preconceitos, abrir corações e trazer luz sobre as desigualdades deste mundo. Temos acompanhado muitos índios na sua autovalorização, temos sido canal de expressão de povos que lutam por seus direitos e por uma vida mais digna para todos.

Tem sido uma

estrada florida de aprendizado e felicidade; estamos estimulados a continuar nela; é um desafio não somente às instituições como a todos nós que somos beneficiários de uma herança primeiramente indígena.

www.visaodosindios.hpg.com.br
visaodosindios@ieg.com.br



53ª Reunião da SBPC

A verdadeira conquista não é daqueles que chegam em uma terra tirando dela toda a riqueza, e sim, daqueles que sabem viver na natureza e encontrar o amor no coração do outro. A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra.

Precisamos ainda de muita humildade e coragem para refletir sobre o que chamamos de Descobrimento, de Ordem, de Progresso. Precisamos ter uma nova visão sobre o índio, dos valores humanos que



Pankararú e o livro Karirí-Xocó

Este livro é fruto da dedicação e carinho do povo Tumbalalá.

Especial agradecimento para: José Plínio Santana, Dona Glória e família, Aprígio Vieira Fatum, Luis Vieira Fatum e família, Paulo Lopes, Tida, Fabrício, Robson, Bazinho, João Eudes, Claudemir, Matilde, Josivam, Edivaldo, Joana Dalva, Maria de Lourdes Gomes, Marciana, Damião, Manuel, Maria de Aprígio, Luiza, Marcos, Marinalva e seus alunos, Terezinha, Ântonia, Maria José, Lurdinha, Socorro, Dionízio, Domingo Olímpio, Edivânia Rodrigues, Jeovane, Edilson, Edisônia, Janeiton, Larce, Diane, Dionez, Leonor, Antônio, Cristina, Ana, Alzemir, Miralda, Osmilton, Renato, Sidney, Maria Helena, Deuilton, Geruza, Diogo, José Sales, Janilda, Cícero Marinho e família.

Agradecemos também a Sheilla Dias de Souza, Demar, Wyamayara, Morgana Tosca, Publívidas, Rotary Club Aratu, Ana Paula Lima, Gráfica Santa Helena, Eliete e Cristina Lima.

Digitalização de Imagens

OBJETIVA

Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do
Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura
do Governo do Estado da Bahia.

Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 2001

Eu acredito em Deus e o vejo através
da Natureza.

Divulgando nossa cultura, o branco
vai ter a consciência de como é o
índio de hoje e porque ele é índio,
eles vão passar a entender que a
gente tem uma cultura diferente,
pela qual temos muito amor e
respeito.

A vontade de Deus é que todos nós
sejamos unidos.

*O resultado obtido com a venda dos
livros será revertido em benefício das
comunidades indígenas.*

Patrocínio:



Apoio:

